

O Nome da Rosa: uma oficina por abordagens interdisciplinares sobre a obra de Umberto Eco em um curso Pré-Vestibular Popular

The Name of the Rose: a workshop by interdisciplinary approaches on the work of Umberto Eco in a Popular Pre-Vestibular course

Ketlyn Correia Garcia¹

Tania Denise Miskinis Salgado²

Resumo

Neste trabalho utilizaremos o romance de Umberto Eco “O Nome da Rosa” como ferramenta temática para uma abordagem pedagógica interdisciplinar em um curso Pré-Vestibular Popular. Como referencial teórico utilizaremos os princípios e discussões elencados pelo educador brasileiro Paulo Freire, uma vez que o espaço educacional escolhido para esta abordagem já utiliza tal teórico e, também, porque nosso público alvo é formado por trabalhadores e trabalhadoras de classes populares que buscam acessar o Ensino Superior. O objetivo principal desta pesquisa é analisar se tal tipo de abordagem contribuiu para a construção e incentivo ao pensamento crítico destes sujeitos. Investigamos também se atividades como esta contribuem para a desconstrução da ideia de que o conhecimento é dividido em áreas específicas, podendo receber contribuições de outras disciplinas. Trouxemos para análise, também, os pontos interdisciplinares utilizados para a discussão. Como resultado, observamos que os e as estudantes acharam interessante este tipo de atividade, que incentivou o pensamento crítico, bem como incentivou a correlação dos conhecimentos entre áreas. Em tais pontos tivemos sucesso, segundo as respostas dos e das estudantes envolvidos.

Palavras-Chave: Ciência e Literatura, Oficina Interdisciplinar, O Nome da Rosa.

Abstract

In this paper it will be used Umberto Eco's novel “The Name of the Rose” as a thematic tool for an interdisciplinary pedagogical approach in a Popular Pre-Vestibular Course. The principles and discussions listed by the Brazilian educator Paulo Freire will be used as theoretical reference, since the educational space chosen for this approach already uses this theoretician, and also because our target audience is made up of workers from popular classes who are trying to access University education. The main objective of this research was to analyze if this approach contributed for a construction and an incentive of the

¹ Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação: Química da Vida e da Saúde pertencente a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciada em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Possui graduação em Engenharia Química (1980) e em Bacharelado em Química (1983), mestrado em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais (1986) e doutorado em Ciências - área de concentração Física Experimental (1999), todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora Titular do Departamento de Físico-Química, Orientadora do PPG Química, do PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde e do Mestrado Profissional em Química em Rede Nacional (PROFQUI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

critical thinking of these subjects. It was also investigated whether such activities contributed to the deconstruction of the idea that knowledge is divided into specific areas and if the knowledge could receive contributions from other disciplines. It was also brought to the analysis the interdisciplinary points used for the discussion. As a result, it was observed that students found this type of activity interesting, because it encouraged critical thinking as well as the knowledge correlation between areas. The research was successful in these points according the responses from the students involved.

Key Words: Science and Literature, Interdisciplinary Workshop, The Name of the Rose.

INTRODUÇÃO

Uma das principais considerações feitas por educadores e educadoras de ciências é como tornar nossa área atrativa aos estudantes (OLIVEIRA; ROCQUE; MEIRELLES, 2009). Claro que nem sempre isto é possível, porém existem ferramentas que podem auxiliar na aproximação da ciência a estes estudantes. Para melhorar o diálogo entre educadores e educandos, costumam ser feitos diversos levantamentos, como assuntos de interesse, contexto social, faixa etária e outros. Tais resultados são de extrema necessidade para entendermos como nossos estudantes pensam sobre sua realidade pois, enquanto educadores, “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a da classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressiva, é problema que não pode ser desprezado” (FREIRE, 2011 p. 42).

Com tais informações, nós educadores conseguimos planejar projetos, oficinas e aulas com assuntos que possam dialogar com nossos estudantes, promovendo assim uma afinidade maior pelas áreas científicas e também humanas. Na realidade brasileira é de extrema importância promovermos debates para incentivar o pensamento crítico, não só em relação a áreas científicas, mas também correlacioná-las com o contexto social em que essas pessoas vivem, para que em um *continuum*³, os indivíduos se emancipem.

Sabendo da realidade dos estudantes, parte-se para a discussão sobre metodologias de ensino e sobre o que é ensinar e o que é aprender. Tal debate não é contemporâneo, pelo contrário, passa por todos os contextos históricos e filosóficos através dos tempos. Um dos

³ Escolhemos a utilização do termo *continuum*, pois se refere à continuidade e, assim como a principal referência bibliográfica deste trabalho, que é o educador Paulo Freire, acreditamos que nós educadores, os e as educandas passamos por um processo de aprendizagem contínua. “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser ou sua inconclusão é o próprio da experiência vital.” (FREIRE, 2011 p. 50)

maiores estudiosos sobre a educação brasileira, Paulo Freire, nos fala sobre isso em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, colocando que:

[...] da questão da inclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas [...] (FREIRE, 2011, p. 16).

Talvez esse seja o trecho que mais se aproxime da ideia inicial deste trabalho que é: incentivar a curiosidade, utilizando conhecimentos de várias disciplinas para explicar um pensamento, fazendo os estudantes questionarem sua realidade, os conhecimentos científicos colocados até então, fazendo nossos educandos pensarem por um outro ângulo. Neste processo devemos ressaltar a importância da rigorosidade, pois o saber, por si só, sem uma construção teórica a embasá-lo, é senso comum, ou nas palavras de Paulo Freire:

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência [...] vão pondo à prova a curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita de ingenuidade para o que venho chamando de “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor tanto implica a respeito do senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. (FREIRE, 2011 p.31)

Com as questões colocadas até aqui, a ideia que tivemos foi: E se utilizarmos uma leitura para incentivar e despertar a curiosidade científica? Outras questões que nos colocamos foram: Mas e se a abordagem dessa oficina fosse interdisciplinar? E se ao escolher uma obra, o ponto forte dela não fosse apenas as ciências, mas também e, simultaneamente, questões históricas, literárias e filosóficas? Será que uma abordagem desse tipo nos faria criar um senso crítico nos nossos e nossas estudantes⁴?

Com essas questões chegamos à obra de Umberto Eco⁵ “O nome da Rosa”, escrita em 1980, e decidimos utilizá-la para realizar uma oficina interdisciplinar. Tal obra correlaciona questões históricas, filosóficas, científicas, sociológicas, religiosas e literárias, tornando-se uma temática abrangente para uma abordagem interdisciplinar. A escolha do

⁴ Cabe ressaltar que, tanto a escolha do referencial teórico quanto algumas questões de pesquisas vêm de uma demanda do espaço educacional no qual atuamos durante a pesquisa. A questão de incentivar o senso crítico em nossos estudantes é recorrente no ambiente onde a pesquisa foi realizada, sendo trabalhada pela maioria dos educadores em diversas disciplinas diferentes ao longo do ano de trabalho.

No caso desta pesquisa, nosso objetivo principal era investigar se este tipo de abordagem contribuiria para a desconstrução da ideia de que o conhecimento seria dividido em áreas específicas.

⁵ Umberto Eco (1932- 2016) foi um pensador Italiano com uma vasta gama de literaturas que incluem desde trabalhos teóricos (sobre estética medieval e também sobre semiótica e interpretação textual, por exemplo) a escritos ficcionais (como o romance que será trabalhado nesta pesquisa). Em seu doutorado, estudou sobre a estética presente nas obras de São Tomás de Aquino (LOPES, 2010).

ambiente educacional onde tal oficina poderia acontecer passou por uma série de questões que incluíram: Proximidade da autora com o espaço, contatos com outros educadores e educadoras que aceitassem a ideia de um trabalho em conjunto, horários disponíveis para a realização da oficina e liberdade para discussão de assuntos que não necessariamente teriam um “conteúdo” específico. Escolhemos o Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC), que é um curso pré-vestibular direcionado para pessoas de baixa renda, por atender a essas características. Além disso, por se tratar de um espaço não tradicional de educação, teríamos liberdade para discussão e as questões que levantaríamos seriam muito boas para auxiliar os e as estudantes em provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que possibilita o acesso ao Ensino Superior através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado da autora principal, a qual contém outros dois trabalhos, incluindo a visão dos educandos e das educandas sobre o espaço educacional e recortes do romance de Umberto Eco para utilização em educação.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Pedagogia Freireana

Paulo Freire é um educador brasileiro conhecido no mundo inteiro. De fato, sua produção intelectual, suas reflexões e suas experiências sobre a realidade brasileira são muito vastas, contribuindo também para discussões educacionais em outros países.

Em “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire nos coloca uma pedagogia voltada para a população oprimida, para que tal grupo procure a sua emancipação através das suas palavras e ideias, não pela reverberação de ideias pré-existentes. Com isso, os “excluídos” da sociedade se tornariam sujeitos da sua própria história. Freire nos traz também o conceito de Educação Bancária, uma prática baseada na transferência de conhecimento dos educadores e educadoras, que deteriam tal poder, aos educandos, que seriam meros receptores desse saber. Nas palavras de Paulo Freire:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2016 p. 105)

Neste trecho, Freire nos explica o funcionamento da Educação Bancária e denuncia seus mecanismos baseados em um sistema de opressão, que, os educandos, tomando consciência de sua situação de exploração, poderiam lutar contra. Além disso, nos traz a

discussão sobre uma abordagem pedagógica forjada não só pelo educador, mas pelo educando, em um processo flexível e de diálogo entre as partes.

Pensando que trabalharemos em um espaço educacional onde existem pessoas trabalhadoras de baixa renda e que estão lutando por uma vaga no Ensino Superior, a presença do educador é essencial. Não queremos apenas que estas pessoas acessem o Ensino Superior e se rendam ao modelo de Educação Bancária estabelecido em muitas universidades. Aos nossos olhares⁶ essa vaga conquistada já é uma forma de luta, pois estas pessoas cresceram com um pensamento de que o Ensino Superior era apenas para pessoas com poder aquisitivo alto e somente elas poderiam ter melhor qualificação para o mercado de trabalho. Para além do acesso no Ensino Superior, diversos educadores do PEAC incentivam, ao longo do ano, a desconstrução e a reprodução de conceitos pré-existentes colocados por uma elite intelectual burguesa que se consolidou ao longo dos anos nas universidades. Quando uma pessoa das camadas populares atinge esse objetivo, não queremos que ela esqueça sua história. Queremos que transforme a sua realidade e também a de outras pessoas, que consiga, utilizando seus saberes, fazer questionamentos, críticas e gerar novos conhecimentos a partir disso. Todas essas colocações estão presentes de alguma forma nas obras de Paulo Freire, principalmente em “Pedagogia do Oprimido”, escrito durante seu período de exílio nos Estados Unidos (OLIVEIRA, 1989).

Interdisciplinaridade

Vários pesquisadores colocam que as discussões sobre o conceito e a terminologia de interdisciplinaridade iniciaram na década de 70 (FAZENDA, 2008. FOLLARI, 2011 apud JANTSCH; BIANCHETI 2011) e que desde lá esta discussão ainda existe. Enfrentando esta problemática de definições e por questões epistemológicas, utilizaremos uma definição de interdisciplinaridade baseada no sujeito histórico. Norberto J. Etges (1993) nos coloca que “[...] A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão dos seus limites, mas acima de tudo, é o princípio da diversidade e da criatividade” (ETGES, 1993, p. 18). A escolha por se trabalhar com um referencial de interdisciplinaridade como Lucídio Biancheti e Paulo Ari Jantsch (2011) em sua obra “Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito” se dá principalmente pelo diálogo epistemológico deste referencial com Paulo Freire.

⁶ Quando dizemos “nossos olhares”, falamos pela experiência da primeira autora, que trabalhou durante sete anos no projeto, e dos demais educadores e educadoras do espaço.

Sabemos que, historicamente, a ciência já foi uma área interdisciplinar, onde estudiosos não se dedicavam apenas a uma área do conhecimento, e que parte de sua fragmentação se deve à lógica da divisão capitalista do trabalho. Porém, um cuidado deve ser tomado quando falamos da ciência e sua essência interdisciplinar, pois isso pode gerar a falsa impressão de que ciência leva a um conhecimento único, global e dominante, retirando toda autonomia e sua liberdade de ação (ETGES, 2011). Levando tais pontos em consideração, reforçamos que é de extrema importância que possamos, em nossas aulas, abordar assuntos que tangenciam outras áreas, pois o conhecimento não se forma somente de vertentes disciplinares, mas também não podemos desconsiderar as características e singularidades de cada área.

OBJETIVOS

Neste trabalho, teremos a divisão dos objetivos em dois grandes grupos: Os objetivos da pesquisa e os objetivos da oficina. Julgamos importante trazer ao leitor e à leitora a experiência da aplicação desta oficina, uma vez que existem poucos trabalhos deste gênero na literatura. Temos como objetivo geral de pesquisa investigar se uma abordagem interdisciplinar pode incentivar nossos e nossas estudantes ao pensamento crítico e também analisar se haverá modificação da ideia de que o conhecimento seria restrito apenas a áreas específicas.

Como objetivo da aplicação da oficina, buscamos incentivar estes e estas estudantes à leitura e revisar conceitos e conteúdos já abordados em sala de aula para promover discussões mais aprofundadas a respeito dos mesmos. E também promover a discussão crítica sobre o caráter verdadeiro e absoluto muitas vezes atribuído à Ciência.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de natureza qualitativa e trata-se de um estudo de caso. Uma série de princípios são exigidos para que ocorra uma metodologia qualitativa, uma delas é o papel do pesquisador, que é o principal instrumento deste tipo de abordagem. A maioria dos dados é descritiva e são analisados conforme o foco do pesquisador, que não necessariamente busca evidências que comprovem uma hipótese, tendo em vista que temos um sujeito não neutro, que possui consigo toda uma bagagem histórico-social como principal chave deste tipo de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Nossa oficina foi aplicada em uma das seis turmas⁷ de um Pré-Vestibular Popular e foi realizada no período noturno, totalizando 58 estudantes, que são aproximadamente 16,6 % do total de educandos e educandas do curso. Nós tínhamos um tempo limitado para a realização da nossa oficina (1 hora e 10 minutos). Por isso, a coleta de dados se deu por quatro fontes, para otimizar este tempo com o maior número de recursos possíveis, que foram: anotações no caderno de campo da autora, gravação de um áudio da aula⁸, aplicação de um questionário aos educandos e relato dos educadores participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tópicos interdisciplinares e abordagem pedagógica da Oficina

A pesquisadora/primeira autora deu início à oficina explicando que teríamos uma abordagem diferenciada das demais aulas, isto porque a maioria dos e das estudantes estão acostumados com uma abordagem dividida por disciplinas, desde a sua Educação Básica, então se fez necessário o esclarecimento deste ponto. Logo após, foi dito aos educandos e educandas que nós temos o costume de isolar as áreas do conhecimento entre Ciências Humanas e Ciências da Natureza e que geralmente escolhemos um desses “lados” e passamos a ter menos afinidade por outros conhecimentos (ALVARENGA, 2005).

A pesquisadora fez a introdução de qual temática seria utilizada para buscar esta intersecção⁹ entre as áreas, no caso a obra literária de Umberto Eco “O nome da Rosa”. Logo em seguida fez um comentário sobre a disponibilidade de um filme¹⁰ baseado na história do romance. Ressaltou também a versatilidade do autor Umberto Eco, que não foi apenas um escritor literário/romancista, mas que também produziu artigos e ensaios na área de filosofia, semiótica e linguística (BONDANELLA, 1997)

⁷ Apenas uma das turmas do projeto participou da nossa oficina, por uma questão de disponibilidade do horário, tanto do espaço educacional quanto dos educadores envolvidos na oficina.

⁸ As transcrições dos áudios da aula não serão realizadas neste trabalho em função da sua extensão, por isso, utilizaremos apenas alguns trechos, os quais selecionamos para a discussão.

⁹ Sabemos que, em linhas de construção epistemológica, existem diversos autores que possuem olhares diferenciados sobre o objetivo da interdisciplinaridade. Nosso objetivo, enquanto pesquisadores e educadores, não foi de expor aos educandos tais conceitualizações, por isso, a breve fala relatada acima foi, de certo modo, apenas uma contextualização do que pode ser a interdisciplinaridade. Entendemos que discutir os pontos de vista teóricos sobre interdisciplinaridade não auxiliaram nos objetivos destes educandos: Acessar o Ensino Superior realizando provas de conteúdos específicos em que a discussão teórica sobre interdisciplinaridade não aparece.

¹⁰ Comentamos sobre a disponibilidade da obra em audiovisual, pois compreendemos que estes estudantes possuem uma jornada de trabalho somada com uma carga horária de estudos, que incluem a leitura de várias obras literárias que possuem caráter obrigatório para realização de exames vestibulares. A obra de Umberto Eco foi disponibilizada para estes estudantes para que, quem quisesse realizar esta leitura possuísse este meio, mas que também, quem não conseguisse tempo hábil para leitura da obra, tivesse acesso a outro meio artístico.

Após essa introdução, a pesquisadora iniciou uma síntese da obra “O Nome da Rosa”. Ao citar Jorge de Burgos, foram feitos comentários sobre como este personagem da obra faz uma condenação ao riso (GÓES, 2009). A pesquisadora, enquanto mulher e educadora, sentiu necessidade de fazer um comentário sobre a condenação da imagem das mulheres que foi abordada na obra, como tal imagem é correlacionada ao pecado e possui um “quê” diabólico (MONTEIRO, 2014).

Elencamos como um tópico a ser discutido a questão da “Fé e Razão”, abordada por Umberto Eco em seu romance. Foi colocado aos estudantes o quanto o personagem principal Guilherme de Barskerville trabalha e dialoga com ambos os tópicos. Durante a obra este personagem vai ser colocado quase que como um “detetive” e usará muito das suas observações para gerar hipóteses sobre os assassinatos ocorridos na abadia. Apesar de sua fé e de seus companheiros alegarem que as mortes seriam uma obra divina, ele sempre busca uma explicação racional, citando inúmeras vezes Aristóteles e São Tomás de Aquino. A pesquisadora também ressaltou que o protagonista do romance utilizava muitos instrumentos científicos que para a época eram avançados, como óculos e ampulheta por exemplo. Além disso, Guilherme de Baskerville, durante suas investigações, descobre um bilhete e, através do seu cheiro, ele percebe que tal nota foi escrita com suco de limão e resolve revelar a mensagem utilizando uma vela. Nesse momento fica claro que a obra, apesar de se passar em um período histórico no qual Ciência poderia ser considerada uma obra diabólica (Período Inquisitorial), o personagem principal ainda usava de sua razão, do seu pensamento científico para desvendar os mistérios que encobriam os assassinatos.

A série de assassinatos ocorridos na abadia em que nosso romance se passa tem como objetivo encobrir a continuação da Poética de Aristóteles e, aqui, se fez um comentário a respeito do filósofo e de seu pensamento, ao colocar que o mundo era baseado na existência dos quatro elementos: Terra, água, fogo e ar. Tal marco é de extrema importância para a construção da alquimia. Nesse trecho ressaltamos o quanto o conhecimento não era separado para os antigos pensadores e que um filósofo poderia pensar sobre como nosso mundo funcionava cientificamente e propor teorias. Cabe ressaltar que ao final da oficina fizemos uma explicação sobre um dos tipos de metodologia científica (contemporâneo à época da obra), para que não acontecesse uma confusão nos estudantes ao correlacionar ciência com achismos ou senso comum.

Ao final da introdução da síntese da obra, foi colocado para os e as estudantes que os assassinatos eram cometidos mediante do envenenamento com arsênico, que era

colocado nas páginas do livro de Aristóteles. Um dos seus efeitos colaterais pode causar distúrbios mentais, pois ataca o sistema nervoso central, o que poderia ser facilmente confundido com uma obra diabólica, trazendo assim uma justificativa para os monges do mosteiro, que acreditavam que as mortes eram obras divinas e que o mundo se encontrava à beira do apocalipse. Mas Guilherme de Barskerville, nosso protagonista, não acreditava nisso e, utilizando suas observações e suas hipóteses, descobre que Jorge de Burgos, o guardião cego, era o assassino. Durante a fala foi ressaltada a semelhança da obra de Umberto Eco com outros romances, e demos ênfase ao escritor Jorge Luis Borges, pela utilização de bibliotecas e labirintos como encontramos no romance¹¹.

Sobre o contexto histórico da obra, foi importante localizar nossos e nossas estudantes sobre o período temporal no qual o romance se passa, que é justamente a Idade Média. Nosso educador da área de História comentou nesta oficina que há uma baixa incidência de questões envolvendo o período da Idade Média em exames de acesso ao Ensino Superior, por isso, tal conteúdo não é trabalhado de forma muito aprofundada no curso, sendo colocados apenas aspectos gerais do período.

Após esta breve introdução, o educador falou que tal período histórico é marcado por um olhar eurocêntrico e que isso é recorrente em livros didáticos. Logo em seguida comentamos que, por outro lado, esse período é de extrema importância para o surgimento das bases do pensamento científico moderno. Foi contextualizado aos estudantes que, especificamente, nosso romance se passa no período conhecido como Baixa Idade Média, que é justamente um período de crise e que isso é retratado na obra literária e cinematográfica com um clima mais sombrio e aspectos de corrupção e decadência. Isso culminou no fim da Idade Média, que possui uma série de marcos históricos, como a queda do Império Bizantino e o fim da guerra dos 100 anos. Neste momento um dos nossos estudantes questionou se tal período estaria ligado ao sistema feudal e respondemos que sim, que este período da Baixa Idade Média corresponde justamente à crise do sistema feudal.

Expondo para os estudantes sobre a crise do Século XIV, o educador de História colocou que foi um período em que ocorreu um aumento demográfico na região europeia e que isso ocasionou fome em alguns povos. Tal situação fica clara tanto no livro quanto no filme, que retratam a disseminação da Peste Negra ou Peste Bubônica, que foi facilitada

¹¹ Para uma análise mais qualificada sobre as obras de ambos os autores, indicamos o trabalho de Denise Guimarães (1992) que se encontra nas referências deste trabalho.

pela falta de higiene e pela desnutrição da população. Fizemos um comentário de que estudos mais recentes alegam que o transmissor de tal praga não seria a pulga do rato, animal que aparece com frequência no filme, mas sim pulga e piolhos humanos¹², justamente pela questão higiênica. Foi levantado ainda sobre este tópico que a epidemia se espalhava entre toda a população, não importando a sua classe social, que seu modo de transmissão era fácil e que atacava o sistema nervoso, causando necrose das extremidades e afetando o cérebro. Um dado que foi colocado também, é que estima-se que cerca de 1/3 a 2/3 da população europeia tenha morrido neste período e que o principal fator dessas mortes tenha sido a Peste Negra.

No tópico abordado na sequência, temos a chamada concepção escatológica que o educador de História comentou aparecer com frequência em exames de acesso ao Ensino Superior. Logo em seguida, explicou que este conceito tem como base uma visão de que o mundo estaria se acabando, que o mundo já teria vivido seus tempos áureos e que a população cairia em desgraça e acabaria com o apocalipse. Tal fato é de extrema importância de se contextualizar com o romance de Umberto Eco, uma vez que esta visão aparece frequentemente na obra. Um ponto que foi abordado também é a questão que aparece tanto no livro quanto no filme, da condenação de novos conhecimentos, entre eles, conhecimentos científicos, sendo estes colocados com fins diabólicos, o que teríamos então é a reverberação dos conhecimentos antigos.

Um tópico abordado na oficina foi a crítica à Igreja Católica, crítica esta chamada pelos fiéis de heresia. Então foi abordado pelos educadores que estas não seriam apenas crenças não baseadas em Deus e Cristo, mas também seriam pensamentos que fossem contrários aos princípios da Igreja Católica. Nisso, o educador de História comentou que a Igreja Católica se divide em ordens e deu exemplos, como a dos Jesuítas, que foram responsáveis pela catequização dos povos indígenas no Brasil; a dos Templários, que eram responsáveis pelas guerras; e a dos Franciscanos, encontrada na obra de Umberto Eco, que apresentava um caráter mendicante, ou seja, eles se baseavam na vida de Cristo, que não possuía bens materiais. Tal pensamento de renúncia a riquezas poderia ser considerado por parte da Igreja Católica como heresia, e isso é exemplificado nas manifestações artísticas da obra trabalhada, pois na abadia onde ocorrem os assassinatos ocorria, paralelamente, uma reunião de uma Comissão Papal com membros da Ordem Franciscana para discutir se

¹² Notícia vinculada pela BBC e pesquisa publicada no periódico *Proceedings of the National Academy of Science*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42697733>>. Acesso em 02/06/2019.

a Igreja deveria ou não abrir mão de seus bens. Um registro que foi feito na oficina foi de que a Igreja Católica possuía cerca de 1/3 das terras da Europa e que, em um período de guerra, necessitava-se de tais espaços para plantações, de modo que tudo isso culmina no debate entre a Comissão Papal e a Ordem Franciscana.

Um ponto que pode trazer uma certa confusão temporal é sobre os Tribunais da Santa Inquisição que são retratados na obra de Umberto Eco. O educador de História comentou que o auge das perseguições aos hereges e inimigos políticos ocorreu durante a Idade Moderna, quando pensadores vão trazer questionamentos sobre o teocentrismo. Neste momento a pesquisadora/autora fez uma inserção, trazendo um ponto colocado no romance, que é a caçada às bruxas e sua condenação por heresia. Falou que tais mulheres eram levadas à fogueira por praticarem medicina caseira ou então, por coincidência, estarem sob ação de drogas alucinógenas como o ácido lisérgico (LSD), que era utilizado como anti-hemorrágico, abortivo ou para aceleração do parto. Isso culmina com o relato de aparições demoníacas e voos, que na verdade eram efeitos de drogas psicoativas, e coincide com o surgimento de outros mitos (GINZBURG, 1995, apud VICENTE, 2002). Tal colocação gerou um impacto visível na turma que ficou animada com a fala.

Ainda foi colocado pelo educador de História que neste período histórico temos a Escolástica como modo de pensamento, que era justamente a conciliação entre fé e razão, colocadas principalmente por São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Neste ponto temos a inserção do educador de Biologia, que colocou o quanto ele sofria críticas por ser biólogo e ser evolucionista e que muitas pessoas acreditavam que a Teoria da Evolução seria contrária à religião e que isto era um mito, uma vez que os primeiros pensadores evolucionistas foram religiosos.

Dando continuidade ao período da Escolástica, aproveitamos deste momento para falar dos principais filósofos citados na obra do Umberto Eco, que foram Aristóteles, Bacon e São Tomás de Aquino. O educador de biologia e a pesquisadora/autora comentaram sobre a contribuição de Aristóteles, que acreditava que a matéria era formada por quatro elementos (terra, água, ar e fogo). Que Bacon nos trouxe a questão da quantificação e que, nisso, baseava-se nos fenômenos naturais. E por último, mas não menos importante, São Tomás de Aquino, que fará sentido na obra de Umberto Eco, sendo citado por associar a fé e a razão.

Após esta breve fala demos início à leitura de trechos do livro que foram selecionados para a discussão com a turma. A seguir estão estes trechos e depois uma descrição e análise dos pontos comentados.

“- [...] e os teus mestres de Oxford te ensinaram a idolatrar a razão minguando as capacidades proféticas do teu coração!” [...] “Tu sabes que venero Roger Bacon mais que qualquer outro dentre meus mestres...” “Que sonhava com máquinas voadoras”, motejou amargamente Ubertino.

“Que falou clara e limpidamente sobre o Anticristo, advertiu-lhe os sinais na corrupção do mundo e no enfraquecimento do saber. Mas ensinou que há um único modo de nos prepararmos para sua vinda: estudar os segredos da natureza, usar do saber para melhorar o gênero humano. Podes preparar-te para combater o anticristo estudando as virtudes curativas das ervas, a natureza das pedras, e até mesmo projetando as máquinas voadoras das quais zombas. O anticristo do teu Bacon era um pretexto para cultivar o orgulho da razão” (ECO, 2003, p. 69)¹³

“Voltemos aos processos. Reparai, um homem, suponhamos, foi morto por envenenamento. Este é um dado de experiência. É possível que eu imagine, diante de certos sinais irrefutáveis, que o autor do venefício tenha sido um outro homem. Sobre cadeias de causas tão simples minha mente pode interferir com alguma confiança em seu poder. Mas como posso complicar a cadeia imaginando que, como causa da pérfida ação, haja outra intervenção dessa vez não humana mas diabólica? Não digo que não seja possível, o diabo também denuncia sua passagem através de claros sinais, tal qual o vosso cavalo Brunello. Porque devo porém buscar essas provas? Já não é o suficiente eu saber que o culpado daquele homem e o entregue ao braço secular? Em todo caso sua pena será a morte, que Deus o perdoe.” (ECO, 2003, p. 38-39)

Nestes trechos temos uma exemplificação do que foi colocado sobre a Escolástica e sobre a correlação entre razão e fé. Temos ainda uma citação das observações e experimentações, que são extremamente importantes na metodologia científica, que também comentamos nesta oficina.

Muitas vezes no romance são feitas observações e a partir delas são criadas hipóteses, como podemos ver em um dos trechos acima. O educador de Biologia iniciou sua fala reafirmando que neste período iniciou uma mudança de perspectiva do pensamento, que culminaria no que conhecemos como Ciência Moderna. Na sua fala citou três pensadores: Galileu, Decartes e Newton, colocando que Newton teve uma contribuição muito importante para a área da física, mas que também fez colocações na biologia. Comentou que até então não se tinha uma divisão das áreas do conhecimento como temos hoje em dia. Continuando sua fala, o educador deu ênfase à obra de Decartes, mais

¹³ As paginações utilizadas nesses trechos se referem à edição utilizada da obra “O nome da Rosa” de Umberto Eco, que se encontra nas referências deste artigo.

especificamente ao seu livro “O discurso do Método”, e falou aos estudantes que esse filósofo lidava com duas verdades: A primeira era a de que Deus existia. Com isso o educador colocou que a ciência não é ateia, mas sim laica, o que são coisas bem distintas e em que alguns momentos poderiam ser confundidas. A segunda verdade para Descartes era a de que “Penso, logo existo”. O educador falou o quanto nossos sentidos podem nos enganar e exemplificou utilizando a gravidez psicológica e a síndrome do órgão fantasma. Neste momento tivemos uma fala do educador de História, dizendo que há uma diferenciação entre História e Memória e que tal diferenciação vinha aparecendo regularmente nos exames de acesso ao ensino superior. Concluiu dizendo que a Memória pode ser vista por uma série de pontos de vista, mas que a História segue uma metodologia científica, assim como as demais áreas da ciência.

Falando sobre a figura de Descartes, o educador de Biologia comentou que ele foi um dos primeiros estudiosos a fazer uma separação das áreas, resultando na diferenciação que conhecemos hoje. Ressaltou aos estudantes que tal divisão possui aspectos positivos e negativos, uma vez que esta ramificação proporciona uma gama de pesquisas que resultam em uma melhoria da qualidade de vida e em um aumento do conhecimento, mas que sob outros aspectos poderia ser ruim, pois isso culmina em uma especialização tão grande, que acabamos esquecendo das contribuições das demais áreas e acabamos por nos prender a um pedaço do saber.

Um dos pontos que julgamos importante de se trabalhar com os estudantes foi fazer uma diferenciação entre achismos ou senso comum e saber científico e para isso mostramos um fluxograma de como funcionaria um dos tipos de metodologia científica, mais especificamente um contemporâneo ao período histórico da obra de Umberto Eco. Ressaltamos que o processo científico inclui um tipo de metodologia e que existem vários, também frisamos que não só as ciências da natureza faziam uso deste método, mas as ciências humanas também. Tal ressalva feita pelos educadores e educadora participantes dessa oficina condiz com os pensamentos de Paulo Freire, que colocava que nosso papel na educação é auxiliar na construção de um pensamento crítico para que ocorra uma continuidade de saberes.

Análise dos questionários aplicados

Nesta seção, discutiremos sobre as respostas dos e das estudantes ao questionário aplicado no final da oficina. Por questões organizacionais, colocaremos a pergunta que foi

feita seguida de uma pré-análise do que gostaríamos de identificar com esta resposta. Logo abaixo estarão as respostas dos e das estudantes, com uma pequena discussão ao final sobre o que eles escreveram. Por questões de ética e transparência da pesquisa o questionário foi respondido de forma anônima e os estudantes serão identificados como “ES.X” sendo X um número atribuído aleatoriamente.

Questão 1: Você acredita que a oficina realizada gerou algum aprendizado? Se sim, você poderia nos citar alguns exemplos?

Nesta pergunta queríamos saber o que tinha saltado mais aos olhos dos nossos educandos e educandas durante a oficina realizada, qual conhecimento tinha sido mais impactante aos olhares dessas pessoas. Tínhamos ideia de que a resposta dessa pergunta seria sobre o assunto que tinha mais lhe agradado, o conhecimento que lhe despertaria mais curiosidade. Anteriormente à oficina, não tivemos condições de realizar um levantamento prévio sobre os interesses da turma, então também poderíamos perceber quais assuntos seriam mais interessantes para esse público e se, ao aplicar a oficina em qualquer outro local, mesmo sem esse levantamento de interesse, algo poderia despertar curiosidade.

(ES.01) “Com a maior certeza, pelo fato de ter revisado parte da matéria passada e ainda mais profunda, além de nos lembrar que há uma mistura de matéria que se ligam”.

(ES.02) “Sim, compreendi melhor a relação da necessidade que uma matéria tem da outra, como elas podem se entrelaçar. Entendi melhor a relação da ciência com a religião e que uma não exclui a outra”.

(ES.03) “Acredito que a realização desta oficina me possibilitou enxergar com mais clareza as relações que as áreas do conhecimento tem e como há uma sintonia entre todas elas”.

(ES.04) “Sim, me ensinou que de alguma forma as matérias estão interligadas uma a outra”.

(ES.08) “Acredito, porque a partir dela pude ter noção do quanto as áreas de conhecimento estão ligados uma a outra. Vendo o exemplo dos filósofos e de como contribuíram para nossa sociedade”.

(ES.16) “Sim, me fez ter interesse pela leitura, pela obra e as discussões sobre a importância de rever vários tipos de conhecimento em várias áreas foi fantástico!”.

(ES.17) “Sim aprendi a unir humanas e exatas”.

(ES.21) “Sim, pois mostrou-me que as áreas de conhecimento não são limitadas, elas estão interligadas e dando continuidade uma pela outra”.

(ES.28) “Sim, acredito que a mesclagem interdisciplinar é muito válida para um estudante aspirante a universitário”.

Nesses comentários temos o quanto nossos educandos e educandas acharam interessante este tipo de abordagem, pois perceberam que era possível interligar as

disciplinas que eles estão estudando ao seu cotidiano. Lendo estes relatos podemos pensar que tal tipo de abordagem não é comum e, de fato, nas aulas do PEAC, o modelo de ensino utilizado é, na maioria das vezes, bancário, dividido entre áreas, e a interligação entre elas não é comum. Tal ponto corrobora com um dos nossos objetivos de pesquisa, que é discutir a importância do conhecimento não ser restrito somente a áreas específicas.

(ES.19) “Sim, como ainda estou no 3º ano do ensino médio e me faltam alguns professores a oficina tem me ajudado com o conteúdo dado”.

(ES.24) “Sim, serviu para reforçar alguns fatos históricos e saber mais sobre o lado científico e sua metodologia”.

Especificamente nestes dois comentários temos o relato de que a oficina foi um reforço para os assuntos já estudados em outras aulas, o que é de nosso interesse, uma vez que o nosso público alvo busca a aprovação em concursos que possuem uma estrutura conteudista. Mesmo o ENEM, que inicialmente apresentava um caráter mais interdisciplinar, ao passar dos anos, principalmente após o início de sua utilização para o SiSU, vem se tornando mais estanque em relação a conteúdos e disciplinas (STADLER, 2017).

(ES.09) “Sim, pois mostrou que a ciência estão em tudo, história, filosofia e de como a ciência nos constrói como sociedade racional”.

(ES.15) “Sim pois durante a aula foi citado alguns fatos de biologia muito intrigante que eu não sabia, como o exemplo da peste negra”.

Estes dois comentários trazem dois pontos importantes: Construção de uma sociedade questionadora e o interesse que gostaríamos de ter mapeado. Obtivemos que a abordagem interdisciplinar foi de interesse, pois quebrou o paradigma de que o conhecimento é dividido completamente entre áreas. Quanto ao comentário que faz referência à construção de uma sociedade racional, era exatamente esta a mensagem que gostaríamos de passar aos nossos estudantes, o quanto essas áreas podem contribuir para nossa evolução intelectual.

Questão 2: Você acha que o conteúdo desta oficina pode lhe auxiliar nos exames para o ingresso no Ensino Superior? Se sim, de que forma você pensa que pode contribuir?

Nesta questão queríamos identificar se os e as estudantes observaram alguns conteúdos que já tinham sido trabalhados nas aulas regulares do pré-vestibular ou então, trazer uma outra visão para estes indivíduos para a realização da prova. Os educadores que realizaram a oficina sabiam que os conhecimentos que seriam abordados comumente

aparecem nos exames de ingresso ao Ensino Superior, mas queríamos saber se os educandos e educandas tinham percebido estes conteúdos.

(ES.02) “Sim, além de ter várias áreas de conhecimento inseridas, nos dá uma base de como podem haver questões que incluem mais de uma área de conhecimento”.

(ES.05) “Sim, porque simplifica o aprendizado de vários conteúdos, nos ajudando a absorver de melhor forma”.

(ES.08) “Com certeza. Pois me permitiu compreender que as áreas do conhecimento me orientam e me permitem compreender os estudos e me ajudarão a ingressar no ensino superior”.

(ES.09) “Sim, pois envolve disciplinas filosóficas, biológicas e científicas que cai em exames”.

(ES.15) “Sim, da forma que durante a aula revisamos alguns assuntos e até algo que poderia cair na prova do ENEM”.

(ES.16) “Sim, interpretação de obras antigas e a história de um modo geral”.

(ES.19) “Sim, a oficina revisa e ajuda a lembrar de matérias que podem já ter sido esquecidas”.

(ES.21) “Sim, afinal precisamos conhecer tudo, principalmente para o Enem que nos exige uma noção de vida, de conhecimento, citações, podendo servir de contexto histórico em alguma redação”.

(ES.28) “Sim, pois serve como repertório para redação, suporte nas disciplinas lecionadas”.

Tínhamos a ideia de contribuir e auxiliar no crescimento intelectual desses indivíduos, no sentido de incentivar o pensamento crítico destas pessoas, mas também tínhamos a tarefa de trabalhar conteúdos que auxiliassem estes estudantes nos exames que eles enfrentariam. Logo, precisávamos saber se ambas as abordagens tinham funcionado. Como foi citado nas respostas dos questionários, conseguimos revisar muitos conhecimentos que já tinham sido trabalhados nas aulas regulares e auxiliamos também na criação de uma base de conhecimentos para a prova de redação.

(ES.04) “Sim, irei enxergar as áreas com outros olhos e interpretar as perguntas de várias formas até encontrar a que eu achar correta”.

(ES.13) “Sim, pode ajudar. Porque faz parte a gente entender que humanas e exatas estão ligadas de alguma forma, uma ajudou a outra a ser o que é hoje. Pode contribuir a nós abirmos mais a mente e aprender a gostar de ambas”.

(ES.03) “Penso que qualquer tipo de troca entre pessoas é algo válido e que agrega em nosso intelecto de alguma forma, basta estar disposto a ouvir com a mente pronta para receber”.

Nesses comentários temos essa questão de “abertura da mente”, o que para nós é muito interessante, pois nos mostra que estes ou estas estudantes observaram que o conhecimento pode ir além desta separação em áreas e que o aprendizado e o ensino podem contribuir para nossa emancipação como seres humanos.

Questão 3: Esta oficina trouxe algum conhecimento que você poderá aplicar diariamente ou auxiliou você a ser mais crítico? Se sim, cite algum conhecimento aprendido e como você poderia aplicá-lo.

Nesta questão gostaríamos de identificar se os conhecimentos que tínhamos abordado nesta oficina poderiam ser generalizados e aplicados no cotidiano dos nossos e nossas estudantes.

(ES.02) Me explicou que não preciso ser radical, acreditar a seguir algo (alguma religião) não me impede de crer que a ciência anda de certo modo próxima, posso conciliar uma coisa com a outra”.

(ES.06) “Sim, me auxiliou a ter um olhar mais crítico sobre o passado e não apenas aceitá-los”.

(ES.09) “Sim trouxe uma ideia de questionamento sobre a existência de tudo em geral, traz a ideia de usar os métodos científicos para qualquer ideia”.

(ES.13) “Sim trouxe. Porque ajudou a sermos mais críticos. Que os filósofos eles não eram fechados a só serem filósofos, eles eram o que queriam ser, pois buscavam o amplo conhecimento. Isso nos ajuda a não sermos fechados e sim a buscar o conhecimento”.

(ES.16) “Sim, me interessei pela ideia de trabalhar o método científico na área de humanas também, de uma forma a organizar melhor meu setor de trabalho”.

(ES.20) “Sim, esta oficina me auxiliou tanto a perceber alguns fatores de outra percepção, quanto a me lembrar diariamente de que não adianta ficar preso a alguns julgamentos relacionados às áreas de estudo”.

(ES.24) “Me deu uma nova visão sobre a ciência e descobri que no final está tudo interligando, o que é muito interessante”.

(ES.26) “Sim, olhar tudo com um sendo mais crítico mas antes analisar e testar para ter certeza com provas concretas do que acredito”.

Tais colocações, para nós pesquisadores e educadores freireanos, são muito importantes, pois ter um pensamento crítico no cotidiano é fundamental para emancipação da classe trabalhadora, que é justamente o nosso público alvo. Logo, toda nossa abordagem mostrou-se apropriada e auxiliou no nosso objetivo principal. Destacamos principalmente o comentário do ou da estudante 16, que colocou que a utilização do método científico poderia lhe auxiliar na organização do seu setor de trabalho.

(ES.07) “Percebi que a ciência está sempre mudando, não é pra sempre a mesma”.

(ES.08) “Sim, a partir desta oficina estou ciente de que preciso estar em constante estudo entre a ciência ser mutável”.

(ES.22) “Sim, método científico reforçou que a ciência não é uma verdade absoluta e há várias formas de ver uma situação”.

Nestes comentários identificamos a percepção de que a ciência não é uma área que possui uma verdade absoluta e que ela é mutável, isso nos indica que também auxiliamos no incentivo ao pensamento crítico em relação aos conhecimentos científicos.

(ES.14) “Não trouxe nenhum conhecimento para usar diariamente, mas sim me fez entender alguns pontos mais claramente”.

Possivelmente, muitos pesquisadores não trariam o comentário do ou da estudante 14, mas nós quisemos mostrá-lo pois, em uma abordagem interdisciplinar, onde diversos conhecimentos foram discutidos, tínhamos ideia de que alguém não conseguiria ver uma aplicação para a oficina, justamente por ser uma abordagem pouco utilizada nas salas de aula.

Questão 4: Você acredita que utilizar a literatura relacionada com conteúdos científicos fez você aprender mais ou gostar mais das áreas científicas?

Neste ponto gostaríamos de mapear se a utilização da literatura, como ferramenta interdisciplinar, incentivou nossos e nossas estudantes a se interessarem por áreas e disciplinas científicas, fator que é buscado constantemente em pesquisas na área de educação em ciências.

(ES.02) “Acredito que sim, tenho um amor enorme por história e ver que outras matérias contribuem para uma melhor explicação foi maravilhoso”.

(ES.04) “Sim, com certeza! Me fez enxergar química e biologia com outros olhos”.

(ES.11) “Sim! Lerei o livro e olharei o filme, aumentando meu repertório que poderei usar nas redações dissertativas”.

(ES.12) “Com certeza! Utilizar a ciência junto com a literatura dão base mais forte a tese do próprio conhecimento”.

(ES.16) “Sim, tenho me interessado muito por literatura pois me encanta essa interpretação sobre vários assuntos e saber discutir, questionar, olhar sobre vários pontos de vista”.

(ES.19) “Sim! O uso da literatura ajuda muito e torna os dados científicos mais interessantes, por ter uma história por trás, torna mais fácil”.

(ES.21) “Sim, é legal vermos que filmes e coisas de lazer podem nos ensinar e serem aplicados em diversas áreas do conhecimento”.

(ES.25) “Sim, interligar uma área em outra que, em uma gosto mais e outra não, ajuda a me interessar mais, e querer aprender mais”.

(ES.27) “Sim, pois relaciona uma matéria que eu não gosto com uma que eu gosto. #FILOSOFIA no PEAC”.

(ES.28) “Acredito que é uma ideia inovadora em sala de aula tendo em vista que o ENEM já utiliza de questões interdisciplinares”.

Como podemos ler nas respostas dos estudantes, a oficina contribuiu para o incentivo ao interesse por áreas de exatas. A maioria dos e das estudantes mostraram interesse e curiosidade por uma área pela qual anteriormente pareciam não se interessar. No comentário do ou da estudante 27 temos a inserção da “hashtag”, que é um caractere utilizado comumente nas redes sociais e, logo em seguida, o termo “Filosofia no PEAC”.

No pré-vestibular no qual ocorreu a aplicação desta oficina, a disciplina de Filosofia é trabalhada em conjunto com a disciplina de História e em horários extracurriculares, pois há um curto tempo para as aulas regulares.

(ES.09) “Sempre gostei das duas áreas apesar de sempre ter mais atração por exatas”.

(ES.22) “Sempre gostei de ciência, porém me fez pensar de outra forma sobre literatura”.

Como educadores e educadoras de ciências, sempre pensamos em incentivar nossos e nossas estudantes ao estudo de tais áreas e, com estes comentários, percebemos uma visão oposta a esta, de educandos e educandas que sentiam mais proximidade pelas áreas de ciências da natureza e percebemos que podemos ter incentivado a leitura e também o estudo de ciências humanas. Logo, nossa abordagem gerou muitos pontos positivos, mostrando a potência que abordagens interdisciplinares podem ter na construção do conhecimento dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho percebemos o tamanho do desafio a que nos propusemos: realizar uma oficina interdisciplinar com diversos objetivos diferentes. Mas ao concluir esta etapa podemos dizer que obtivemos resultados satisfatórios. Um dos objetivos da aplicação da oficina era incentivar os e as estudantes ao estudo das áreas científicas, utilizando como ferramenta a obra literária de Umberto Eco e, pelas respostas que obtivemos nos questionários, acreditamos que este objetivo foi alcançado. Outro objetivo era revisar os conteúdos que já tinham sido abordados em aula e discutir que a ciência é uma área do conhecimento que pode se (re)inventar ao longo do tempo, a partir do surgimento de novos fatos e evidências. Nos objetivos da aplicação da oficina tivemos sucesso em todos os pontos elencados, observamos através das respostas dos e das estudantes aos questionários o quanto auxiliamos no incentivo à leitura e conseguimos revisar conteúdos que são importantes para os exames que nosso público alvo realizará para acessar o Ensino Superior.

Como objetivo de pesquisa, tínhamos o incentivo ao pensamento crítico dos e das estudantes, seguindo os princípios do educador Paulo Freire. Também nesse aspecto tivemos sucesso, levando em consideração as respostas dos estudantes aos questionários que foram aplicados. Além disso, queríamos analisar se tal tipo de abordagem incentivava a desconstrução de que os conhecimentos são divididos em áreas e, neste sentido, também

fomos bem sucedidos. Pelas respostas dos educandos e educandas do projeto, pudemos perceber que eles tiveram interesse por este tipo de abordagem, que ela revisou conhecimentos já vistos em outras disciplinas e que eles e elas conseguiram compreender que conhecimentos não são necessariamente separados em áreas.

Ao final deste trabalho reforçamos as contribuições de trabalhos com princípios, metodologias ou ferramentas interdisciplinares para o ensino crítico e que tais tipos de abordagens, apesar de serem trabalhosas de serem planejadas e aplicadas, geram resultados interessantes para a educação em um espaço não tradicional de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, A. T.; SOMMERMAN, A.; ALVAREZ, A. M de S. Congressos Internacionais sobre Transdisciplinaridade: reflexões sobre emergências e convergências de ideias e ideais na direção de uma nova ciência moderna. *Saúde e Sociedade*, v.14, n. 3, p. 9-29, 2005.
- BONDELLA, P. *Umberto Eco and the open text: semiotics, fiction, popular culture*. Cambridge University Press, 2005.
- ETGES, N. J. Ciência, Interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Org.) *Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 60-94.
- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. São Paulo: Globo, 2003. 479 p.
- ETGES, N. J. Produção do conhecimento e interdisciplinaridade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 73-82, 1993.
- FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 15. ed. São Paulo: Papirus, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GÓES, P. de. O problema do riso em O nome da Rosa, de Umberto Eco. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 213-240, 2009.
- GUIMARÃES, D. A. D. De ficções a O nome da Rosa: Caminhos que se bifurcam. *Letras*, Curitiba, n. 41-42, p. 63-73, 1992/93.
- JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Org.) *Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LOPES, M. C. Umberto Eco: da “Obra Aberta” para “Os Limites da Interpretação”. *Revista Redescrições*, ano 1, n. 4, 2010.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2013.
- MONTEIRO, E. C. Carnavalização no livro e no filme O nome da Rosa. In: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (SEPesq) – UNIRITTER, 10., 2014.

OLIVEIRA, D. F.; ROCQUE, L. R; MEIRELLES, R. M. S. Ciência e arte: Um “entre lugar” no Ensino de Biociências e Saúde. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC), 7., Santa Catarina, 2009.

OLIVEIRA, M. D.; FREIRE, P.; QUIROGA, A. P.; CUNHA, M. L.; BARRETO, V. L.; BARRETO, J. C.; GIFFONI, V. L. O processo Educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière. In: Seminário promovido e coordenado pelo Instituto Pichon-Rivière de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1989.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: Relatos de uma experiência. *Conjectura*, v. 14, n. 2, 2009.

STADLER, J. P.; HUSSEIN, F. R. G. O perfil das questões de ciências naturais do novo Enem: Interdisciplinaridade ou contextualização? *Ciência & Educação*, Bauru, v. 23, n. 2, p. 391-402, Curitiba, 2017.

VICENTE, F. N. Bruxas, judeus, centeio louco e beldades de Veneza: Destinos e perdas de uma memória europeia de drogas esquecidas. *Interações*, n. 3, p. 91-105, 2002.